

SINGULARIDADES DA INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA, ESFORÇOS E PROCESSOS

Recebido em: 22/07/2024

Aceito em: 24/09/2024

DOI: 10.25110/educere.v24i2.2024-11473



Nagely Rodrigues de Almeida Portela ¹
Soliane Moreira ²

RESUMO: A partir de uma abordagem bibliográfica qualitativa, apoiada especialmente nos estudos de Dorziat e Araújo, Freire, Lederer e Selescovitch e Lacerda, este estudo teve como objetivo principal compreender os princípios, as técnicas, esforços e processos envolvidos no trabalho do tradutor intérprete para a tradução e interpretação de português/Libras, bem como verificar a importância no respeito ao tempo de interpretação/intervalo. Isso levou diretamente à diferenciação entre os termos tradução e interpretação. Portanto, a importância deste estudo encontra sua razão no fato de que o trabalho do tradutor intérprete precisa adentrar o mundo de significados do surdo. Seu trabalho constitui-se de grande dinamismo dada a natureza das línguas, levando em consideração que o português se torna a segunda língua do surdo, e que no Brasil são cerca de 10 milhões de surdos, conforme o IBGE, que dependem da Libras para suas interações socioculturais. Foi possível constatar que o trabalho do tradutor intérprete requer o conhecimento para além de questões meramente linguísticas de ambas as línguas, adentrando para aspectos culturais e formativos da Libras, já que trabalha simultaneamente com duas modalidades comunicativas distintas: o português - oral-auditiva; e a Libras - gesto-visual. Isso permitiu a compreensão da proposição de desverbalização no ato da tradução/interpretação da linguagem oral para a língua de sinais e assimilar seu significado no trabalho do tradutor intérprete de Libras.

PALAVRAS-CHAVE: Tradutor intérprete; Inclusão; Libras; Surdez.

SINGULARITIES OF SIMULTANEOUS INTERPRETATION, EFFORTS AND PROCESSES

ABSTRACT: Based on a qualitative bibliographical approach, supported especially by studies by Dorziat and Araújo, Freire, Lederer and Selescovitch and Lacerda, this study's main objective was to understand the principles, techniques, efforts and processes involved in the work of the interpreter translator for the -duction and interpretation of Portuguese/Libras, as well as verifying the importance of respecting the interpretation time/interval. This led directly to the differentiation between the terms translation and interpretation. Therefore, the importance of this study finds its reason in the fact that the

¹ Graduada em Educação Física-Licenciatura pela UniGuairacá. Graduada em Letras/Libras-Bacharelado pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE, professora e Tradutora/Intérprete de Libras/Português no Colégio Estadual Cívico Militar Edite Cordeiro Marques.

E-mail: nage_por@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-9734-7266>

² Mestra em Ensino de Ciências e Tecnologia. Tradutora Intérprete de Libras na Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR e na Universidade Estadual do Centro Oeste - Unicentro.

E-mail: solianemoreira@utfpr.edu.br; solianemoreira@unicentro.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-4056-2192>

work of the interpreter translator needs to enter the world of meanings of the deaf person. His work is highly dynamic given the nature of the languages, taking into account that Portuguese becomes the second language of the deaf, and that in Brazil there are around 10 million deaf people, according to IBGE, who depend on Libras for their sociocultural interactions. It was possible to verify that the work of the interpreter translator requires knowledge beyond merely linguistic issues of both languages, delving into cultural and formative aspects of Libras, as he works simultaneously with two distinct communicative modalities: Portuguese - oral -auditory; and Libras - visual gesture. This allowed understanding the proposition of deverbalization in the act of translating/interpreting oral language into sign language and assimilating its meaning in the work of the Libras interpreter translator.

KEYWORDS: Translator interpreter; Inclusion; Pounds; Deafness.

SINGULARIDADES DE INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA, ESFUERZOS Y PROCESOS

RESUMEN: Basado en un enfoque bibliográfico cualitativo, apoyado especialmente en estudios de Dorziat y Araújo, Freire, Lederer y Selescovitch y Lacerda, este estudio tuvo como objetivo principal comprender los principios, técnicas, esfuerzos y procesos involucrados en el trabajo del traductor intérprete para el - producción e interpretación de portugués/Libras, además de verificar la importancia de respetar el tiempo/intervalo de interpretación. Esto llevó directamente a la diferenciación entre los términos traducción e interpretación. Por tanto, la importancia de este estudio encuentra su razón en que la labor del traductor intérprete necesita adentrarse en el mundo de significados de la persona sorda. Su trabajo es altamente dinámico dada la naturaleza de las lenguas, teniendo en cuenta que el portugués se convierte en la segunda lengua de los sordos y que en Brasil hay alrededor de 10 millones de sordos, según el IBGE, que dependen de Libras para sus interacciones socioculturales. Se pudo comprobar que la labor del traductor intérprete requiere conocimientos más allá de cuestiones meramente lingüísticas de ambas lenguas, profundizando en aspectos culturales y formativos de Libras, pues trabaja simultáneamente con dos modalidades comunicativas distintas: portugués - oral -auditiva; y Libras - gesto visual. Esto permitió comprender la proposición de desverbalización en el acto de traducir/interpretar el lenguaje oral a la lengua de señas y asimilar su significado en el trabajo del traductor intérprete Libras.

PALABRAS CLAVE: Traductor intérprete; Inclusión; Libras; Sordera.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Falar das singularidades, processos e esforços envolvidos na interpretação-tradução simultânea do intérprete de Libras requer conhecer mais a fundo as técnicas, os fatores e as variantes que envolvem o mundo da pessoa surda, estimulando o intérprete a dissociar as ideias de palavras e sons, pois no mundo do surdo, muitas vezes, um sinal representa todo um conceito.

É de grande relevância conhecer as singularidades envolvidas no processo de tradução simultânea de uma língua para a Libras, pois o trabalho do intérprete de Libras

não se resume apenas em transformar os sons da língua falada em sinais que sejam compreensíveis no mundo silencioso da pessoa surda.

Diante desse desafio, a partir de uma abordagem qualitativa e bibliográfica, esse trabalho teve como objetivo principal compreender os princípios, as técnicas, esforços e processos envolvidos para a tradução/interpretação simultânea português/Libras, bem como verificar como ocorre o processo cerebral no profissional em uma interpretação contínua e mostrar a importância no respeito ao tempo de interpretação/intervalo.

Portanto, o trabalho do tradutor intérprete precisa adentrar o mundo de significados do surdo e seu trabalho constitui-se de grande dinamismo dada a natureza das línguas, levando em consideração que o português se torna a segunda língua do surdo.

2. O CONTEXTO BRASILEIRO DA INCLUSÃO DE SURDOS: BREVE HISTÓRICO

De acordo com o IBGE (2023), no Brasil há cerca de 10 milhões de pessoas com surdez permanente e que dependem, elas e suas famílias, da Libras como principal meio de interação e comunicação com falantes e entre si. Essa realidade fez com que o país instituisse as regulamentações gerais para a atuação como tradutor intérprete de Libras, reivindicação esta já antiga, como instituir nos currículos de formação para licenciatura a disciplina de Libras para os novos alunos.

Esses avanços foram possibilitados apenas nas décadas de 2000 em diante, enquanto a década de 1990 representou os primeiros esforços na construção de cursos de formação de tradutores e intérpretes de Libras, como o curso ofertado em 1997 pela FENEIS e pela UFRGS no ano de 1997 (Dorziat; Araújo, 2012). Assim, a partir de 2002 a Língua Brasileira de Sinais foi reconhecida oficialmente como língua oficial da comunidade surda no país, a partir da Lei 10.436/2002, regulamentada posteriormente pelo Decreto 5.626/2005 (Brasil, 2005). Em 2008 ocorre a organização das federações de tradutores e intérpretes no país, dando maior solidez e reconhecimento à profissão, já regulamentada pelo Decreto 5.626/2005 (Lacerda, 2010).

A mudança da grade curricular das graduações para licenciatura fez com que grande parte dos futuros professores começassem a ter maior contato com a língua brasileira de sinais, o que, por si só, já é um fator preponderante no que diz respeito à inclusão dos alunos surdos nas escolas regulares, pois:

[...] os surdos, limitados à sua condição de deficientes auditivos, foram/são submetidos a vários tipos de tratamento, treinamento, adaptação, ex(in)clusão,

sob diferentes denominações metodológicas: oralismo, comunicação total e bilinguismo (Dorzat; Araújo, 2012, p. 392).

Para Skliar (2003) é preciso romper com tais práticas pedagógicas conservadoras que ainda imperam dentro da realidade escolar e nas políticas públicas que em suas concepções equivocadas acabam por negar as diferenças, ao invés de seu propósito, o de incluir, pois “na sua suposta neutralidade, elementos significativos que poderiam vir a representar mudanças substanciais para parcelas da população, como é o caso da Língua de Sinais para os surdos, são adotados apenas como dispositivo metodológico” (Dorzat; Araújo, 2012, p. 392). Diante do exposto, é preciso, antes de tudo, reconhecer que “a complexidade do trabalho do TILS consiste em: “fluência em língua de sinais e língua portuguesa, ter conhecimento das duas culturas e ter domínio das técnicas de tradução e interpretação pela prática” (Rutkoski, 2023. p. 8).

Apenas a presença do intérprete na escola, não basta quando se quer uma educação transformadora e verdadeiramente inclusiva, capaz de alterar profundamente a realidade social do surdo e o *status quo* e ainda pode gerar conflitos entre os papéis pedagógicos do professor e do intérprete, pois são “fruto de um descompasso entre políticas que foram construídas a partir de ideias simplistas e ilusórias de inclusão, formações inadequadas e contextos escolares que se mantêm excludentes” (Dorzat; Araújo, 2012. p. 408).

Skliar (1999) aponta para essa condição, que reconhece a língua de sinais apenas em seus aspectos teórico-metodológicos, reproduzindo as relações de poder presentes nas estruturas sociais. Esse contexto fica evidente quando,

O bilinguismo, como forma mais atual de abordar o assunto, não escapa das armadilhas de poder presentes nas relações humanas, mais especificamente nas que se dão no âmbito educacional. Embora seja uma proposta que surge com um grande apelo, sobretudo para a comunidade surda, por valorizar sua característica linguística, a Língua de Sinais, permanece nela o caráter técnico-metodológico. Isso acontece porque as concepções curriculares continuam inalteradas no interior da escola, desconsiderando as relações entre poder e saber, consequência da invisibilidade das diferenças que nela habitam (Martins, 2008; Moreira; Pacheco; Garcia, 2004 *apud* Dorzati; Araújo, 2012, p. 392)

Ocorre que historicamente as pessoas com algum tipo de diferença em relação aos “padrões” estabelecidos tiveram seus direitos relegados a segundo plano e, nesse sentido, os surdos também foram cerceados de sua participação social efetiva ao longo da história social e educacional do país, fato este evidenciado nas afirmações de que:

A educação formal é marcada por uma história de opressão aos grupos diferentes dos padrões estabelecidos socialmente. A partir de uma matriz conceitual, política, ideológica e curricular, todos são definidos na sua

normalidade ou possibilidades de vir a ser normal (Dorziat; Araújo, 2012, p. 392).

Rompendo, ou procurando superar esse estigma, importante ressaltar que o senado brasileiro aprovou a lei que determina às escolas públicas a contratação de tradutores-intérpretes de libras, reconhecendo o pleno direito do aluno surdo a um verdadeiro processo de inclusão escolar que possibilite a superação das opressões e a revisão das matrizes conceituais, ideológicas e curriculares, apontadas por Dorziat e Araújo (2012), definindo o aluno surdo (incluso) a partir não dos estereótipos da normalidade, mas das suas necessidades especiais e das ferramentas necessárias para o alcance de sua cidadania plena, da qual a o tradutor intérprete da Libras assume importância preponderante. No entanto:

A questão da educação dos surdos no Brasil ainda é um problema longe de ter uma solução satisfatória, e que as escolas próprias para surdos, atentas à sua condição bilíngue e às suas necessidades específicas, são ainda pouquíssimas e, portanto, acessíveis a uma minoria de surdos nesse país (Lacerda, 2009, p. 120).

Nesse quesito, Lacerda (2009) e Moreira *et al.* (2013) apontam para a incapacidade de a escola regular brasileira dar conta, de fato, de seu papel formador e integrador do aluno surdo aos diversos contextos socioculturais do país, limitando-se a reproduzir práticas que recepcionam a Libras meramente como um instrumento de comunicação, mas incapaz de lhe assimilar as características e aspectos culturais. Portanto, “é preciso desconstruir, pluralizar, reinventar identidades e subjetividades, saberes, valores, convicções, horizonte de sentidos. Somos obrigados a assumir o múltiplo, o plural, o diferente, o híbrido, na sociedade como um todo” (Candau, 2012, p. 3).

3. PROCESSOS ENVOLVIDOS NA TRADUÇÃO INTERPRETAÇÃO LIBRAS-PORTUGUÊS

O trabalho do intérprete de Libras requer grande conhecimento a respeito dos processos e esforços sobremaneira envolvidos na tradução, até porque a natureza de uma língua (fonética) não se coaduna, naturalmente na outra (conceitual, não fonética). Contudo, “a presença de um profissional linguisticamente preparado em Libras [...] não implica necessariamente transformações concretas nas práticas estabelecidas” (Moreira; Fernandes, 2008 *apud* Dorziat; Araújo, 2012, p. 395).

Contudo, antes de se adentrar a concepções teóricas acerca dos processos envolvidos na tradução interpretação da Libras, torna-se relevante compreender alguns significados a respeito da tradução e da interpretação. Para Rutkoski (2023, p. 5), a Libras não é um código como outras línguas, embora possua gramática e funcionamento linguístico próprios: “a Libras [...] não é um código, não é uma linguagem, não é universal, - pois cada comunidade linguística desenvolveu sua própria língua -, tampouco tem origem na língua portuguesa”.

Por se tratar de uma língua gestual-visual, torna-se indispensável pressupor que o tradutor intérprete de Libras reconheça os fenômenos culturais envolvidos em ambas as línguas, de modo a possibilitar a ressignificação do teor comunicativo. Isso nos leva a compreender a tradução enquanto “ato de desverbalizar as informações recebidas na língua fonte para num processo cognitivo torná-las unidades de sentido” (Lederer; Seleskovitch, 1989 *apud* Rutkoski, 2023, p. 5-6). Ainda,

A tradução prescinde de registro, e pode ser feita sem um tempo determinado, sem a presença do público a qual se destina, pode ser refeita, num processo de aprimoramento até que se possa fazer o registro. Este registro pode ser escrito, áudio ou vídeo (Rutkoski, 2023, p. 11).

Já a interpretação requer o instante, o momento, a imediatez, podendo ser consecutiva ou simultânea, embora ambas possuam caráter efêmero e que não possibilita a revisão. Ela “acontece no momento da enunciação, na presença do público, sem possibilidade de aprimoramento e dependente das condições que o contexto possibilita” (Rutkoski, 2023, p. 11).

Dessa forma, ao estabelecer a Teoria Interpretativa da Tradução, Lederer e Selescovitch (1989) propõem o conceito da Interpretação Consecutiva, na qual apontam a ocorrência de 3 etapas, sendo: fusão de elementos linguísticos e extralinguísticos na construção dos sentidos, a desverbalização e a expressão espontânea do sentido a partir de significantes.

Nesse sentido, para Lederer (1984)

Na comunicação, o sentido liberta-se do encadeamento das palavras e das frases e estas se combinam de modo mais produtivo também dessa maneira. O sentido se constrói à medida que se desenrola a cadeia discursiva; se interrompermos bruscamente o conjunto para recortar um segmento qualquer, certamente poderemos extrair uma passagem e analisar sua correção, mas será impossível extrair, ao mesmo tempo, o sentido [...] (LEDERER, 1984, p. 19)

Diante dessa perspectiva, evidencia-se que ao tratar da tradução é preciso conceber, inicialmente, as naturezas diversas das línguas em contato. É preciso buscar,

então, “o *sentido expresso* no discurso oral na língua de partida em vez do *significado das palavras empregadas* no discurso oral na língua de partida para, a partir disso, reproduzir em língua materna o que foi dito” (Freire, 2008, p. 154).

O português, fonético, ao ser traduzido para a Libras não permitirá tradução literal, já que a Libras não é língua fonética, mas tal interpretação precisa ter o cuidado em não perder o sentido daquilo que foi dito, devendo permanecer fidedignamente o sentido quando trazido para a Libras, levando o inteiro teor comunicativo ao surdo, já que a natureza cultural presente na língua de sinais não pode ser desconsiderada, ou seja, deve ser vista enquanto integradora e constituidora de uma Cultura Surda (Dorziat; Araújo, 2012).

As línguas de sinais são sintéticas, ou seja, os parâmetros são produzidos em simultaneidade, uma única configuração de mão pode conter uma unidade de sentido inteira, acompanhada de expressão facial e corporal, localização, orientação e presença de movimento ou não (Rutkoski, 2023, p. 14)

Não obstante, deve-se levar em conta a pluralidade de interpretações de um mesmo texto e que dependerá exclusivamente das escolhas lexicais feitas pelo tradutor intérprete, ou seja, “não existe tradução neutra ou transparente, através da qual o texto original apareceria idealmente como um espelho, identicamente” (Oustinoff, 2011, p. 22). Daí a necessidade de se considerar que a ação do tradutor intérprete precisa conhecer e considerar aspectos culturais e constitutivos de ambas as línguas, reconhecendo na língua um fenômeno que extrapola os limites gramaticais ou de codificação de sinais. Portanto, interpretar não pode ser tomado como sinônimo de traduzir, ao menos nessa questão, enquanto:

O profissional TILS se posiciona numa condição intercultural, pois faz parte da cultura ouvinte e não surda, mas precisa participar da comunidade surda num processo de imersão para que possa compreender os significados que são construídos culturalmente, para então ser capaz de traduzir sentidos (Rutkoski, 2023, p. 7).

Nesse sentido, Freire (2008) aponta que o intérprete utiliza a chamada desverbalização para alcançar ou manter o sentido da mensagem transmitida. Para o autor, esse processo consiste em memorizar o sentido ou teor da mensagem sem a supervalorização do significante, tornando mais precisa a transposição fonética (da língua oral) para a conceituação (na língua de sinais). Portanto, “a Teoria do Sentido procura estimular o intérprete a dissociar as *ideias* das *palavras* empregadas para expressá-las” (Freire, 2008), pois “não basta conhecer a língua de sinais, é preciso conhecer os

significados na vida dos sujeitos surdos, a forma como sentem, compreendem e representam o mundo” (Rutkoski, 2023, p. 7)

Então, tentar alfabetizar o surdo pelo sistema fonético tornar-se-ia uma tarefa improfícua desde sua origem, pois “o propósito da interpretação é apreender o que foi expresso em uma língua e transportar essa mesma realidade, ou sentido, de modo fidedigno em outra língua” (Lederer; Selescovitch, 1989, p. 21). Por isso,

A característica bilingue é, desse modo, essencial para a atuação nessa profissão. Interpretar implica conhecimento de mundo, que, mobilizado pelos enunciados, contribui para a compreensão do que foi dito e em como dizer na língua-alvo, consciente dos sentidos (múltiplos) expressos nos discursos (Lacerda, 2010 *apud* Dorziat; Araújo, 2012, p. 393).

Ou seja, o significado da expressão deverá também ser significativo na língua do surdo. Nesse caso, expressões do tipo *plantar batatas, cada macaco no seu galho*, se traduzidas ao pé da letra, perderão o sentido semântico. Tal condição fica evidente, por exemplo, quando se busca traduzir o sentido de uma expressão idiomática, provérbio ou dito popular, ou ainda um aforismo, do português para a Libras, que sem o devido trato linguístico do tradutor perderá o sentido para o surdo, ou seja:

Todo discurso, independente da língua, sempre é entendido como uma função não só do valor inerente a cada palavra dita, mas, também, do conhecimento associado a cada palavra, que denominamos *complementos cognitivos* (Lederer; Seleskovitch, 1989, p. 22).

Importante ressaltar que, nesse caso, dissociar as ideias significa, grosso modo, compreender que o significante proposto por Saussure (1969) não apresenta relação semântica direta com seu significado. Então, essa premissa torna-se corretamente aplicável nos processos de tradução da língua oral (verbal) para a língua de sinais, posto que o princípio do significante, nas línguas não orais desaparece, restando o significado real e concreto da mensagem.

Daí a necessidade do tradutor intérprete de Libras *desverbalizar* o processo comunicativo, pois

Os falantes nativos de uma língua não se dão conta da existência dos complementos cognitivos. Os contextos verbal, situacional e cognitivo, além do *conhecimento de mundo*, entram em cena muito naturalmente, ao passo que apenas a língua em si parece estar presente. A interpretação, entretanto, requer a percepção dos complementos cognitivos, pois a tradução não ocorre apenas com base nas línguas em si (Lederer, 1990, p. 59).

E, para manter fielmente o sentido comunicativo, nesta e naquela língua, sem perder a essência, ou seja, a mensagem e seu referente, é preciso fazer essa dissociação

de ideias propostas na Teoria do Sentido, pois “o processo de interpretação apresenta elementos que esclarecem sobremaneira como essa dissociação entre as ideias e as palavras pode servir para aprimorar a qualidade do processo de interpretação” (Freire, 2008, p. 154), tornando possível traduzir e expressar o sentido da expressão *desverbalizada* (da língua oral) na língua materna - Libras para os surdos. Esse processo de desverbalização é bastante complexo e requer gastos enormes de energia mental por parte do tradutor intérprete pois se constitui ao menos em tripla tarefa intelectual, posto que

Ao mesmo tempo em que o TILS está [...] ouvindo, processando cognitivamente a informação e produzindo em língua de sinais, está também guardando a próxima informação na memória de curto prazo. Por isso, precisa ter a habilidade de controlar o tempo de produção (Rutkoski, 2023, p. 7).

Fator preponderante ainda é o fato de que o intérprete trabalha simultaneamente com duas modalidades distintas de linguagem: a gesto-visual (libras) e a oral-auditiva-fonética (português). Nesse contexto:

O intérprete é obrigado a armazenar do modo mais conciso e preciso possível as informações que se acumulam ininterruptamente ao longo do discurso do palestrante em língua estrangeira para reproduzir, também ininterruptamente, esse discurso em língua materna (Freire, 2008, p. 157)

Ou seja, a tradução-interpretação é um ouvir-interpretar-desconstruir-reconstruir constante e simultâneo que envolve intrincados processos cognitivos e neurológicos que obrigam o tradutor intérprete a produzir significados na língua materna (Libras) a partir da desverbalização dos significantes (compostos apenas de ideias ou representações de um real, na língua originária-verbal), já que “uma vez captado o sentido, sua formulação reconstitui os automatismos linguísticos, as ideias, os sentimentos, as noções que devem ser transmitidas encontram expressão por si” (Seleskovitch, 1984, p. 105).

Portanto, isso requer que o intérprete (ouvinte) tenha familiaridade tanto com a cultura e a natureza das línguas orais quanto da cultura surda (já mencionada anteriormente) para, assim, transpor o teor comunicativo entre as línguas, “o TILS está numa posição entre duas culturas, portanto, ao mediar a comunicação traduz línguas e seus significados produzidos, tornando-se uma ponte entre estes dois mundos: o mundo ouvinte e o mundo surdo” (Rutkoski, 2023, p. 4).

Nesse ponto, cabe enfatizar o que propõe Freire (2008) ao dissociar a ideia de interpretar e traduzir. Segundo o autor, “para que o resultado do processo de interpretação,

em quaisquer de suas modalidades, seja satisfatório, é necessário que o intérprete tenha em mente que “interpretar um discurso não é traduzir uma língua” (Freire, 2008, p. 158).

Assim, não se pode compreender o processo de interpretação enquanto sinônimo de tradução, uma vez que isso requer reconstituir o sentido/significado para além de aspectos meramente linguísticos e semânticos, mas requer a compreensão das línguas enquanto fenômenos culturais, no caso, de uma manifestação da Cultura Surda ou cultura do surdo, pois “a interpretação demonstra que a tradução não é um processo analítico, mas sintético; interpretamos do mesmo modo como nos entendemos normalmente, combinando as percepções da língua com conhecimentos relevantes (Seleskovitch, 1977, p. 336). Ainda, esse processo de interpretação não se constitui numa operação cognitiva automática, o que explica momentos de hesitação demonstrada por intérpretes (Freire, 2008).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos dados levantados durante a abordagem bibliográfica, fica evidente a complexidade do trabalho do tradutor intérprete de Libras, uma vez que essa ação implica reconhecer elementos extralinguísticos das línguas envolvidas no processo comunicativo, constituindo-se num ato contínuo de ressignificação-reconstrução dos significados da língua de partida para a língua alvo.

Independentemente se a tradução/interpretação ocorre do português para a Libras, ou vice-versa, essa operação requer grande gasto de energia mental por parte do intérprete, já que ele opera simultaneamente com duas modalidades distintas de língua: uma visual-gestual e outra oral-auditiva-fonética e, notadamente, as regras de uma língua não se aplicam ou se equivalem diretamente na outra.

Assim, e partindo de um breve histórico da legislação que prevê a inclusão do aluno surdo na escola regular brasileira, pôde-se perceber que a realidade da inclusão é ainda um espinho no sistema educacional brasileiro, especialmente no quesito inclusão de surdos, já que os maiores avanços foram alcançados não há muito, mas apenas nos últimos 20 anos.

Além disso, prever a contratação de um tradutor intérprete de Libras para promover a inclusão constitui só mais um entre os vários equívocos nas políticas inclusivas brasileiras. Não basta a presença do tradutor intérprete na sala de aula, quando se quer uma educação transformadora. As políticas são muitas vezes resultantes de ideias

simplistas concebidas que geram a falsa ilusão da inclusão, mas que desconsideram a diferença como parte do normal, além de formações inadequadas e contextos escolares que se mantêm excludentes.

Outro ponto relevante, que foi possível concluir é que a escola brasileira ainda é incapaz de promover a verdadeira inclusão do surdo, posto que se limita a reproduzir práticas que recepcionam a Libras como um instrumento de comunicação, mas é incapaz de lhe assimilar as características e aspectos culturais, ressignificando o diferente, a pluralidade e o múltiplo dentro da sociedade já excludente, já que pressupõe o trabalho pedagógico centralizado na presença do tradutor intérprete, enquanto o docente, carente de formação, não consegue, muitas vezes, estabelecer a mínima comunicação autonomamente com o aluno incluído, sem a intervenção do tradutor intérprete.

Isso levou a outra conclusão óbvia: a incapacidade dos docentes compreender a desverbalização da língua, ou seja, a não centralidade da comunicação nos significantes, mas na produção de sentidos noutra língua (a Libras), cujos gestos e sinais reproduzem quase sempre uma ideia completa, uma língua com gramática e dinâmica própria, diferente das regras na língua portuguesa.

Por fim, a bibliografia analisada permitiu compreender com maior propriedade que os processos envolvidos na tradução interpretação de Libras exige que o profissional TILS tenha familiaridade com a cultura e a natureza das línguas orais quanto da Libras e cultura surda que estão em contato, e que sem isso há a impossibilidade de se transpor o teor comunicativo entre essas línguas, colocando o TILS numa posição entre duas culturas, tornando-se uma ponte entre estes dois mundos: um ouvinte e o outro silencioso.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Lei n. 12.319** de 1º de setembro de 2010. Brasília: Congresso Nacional, 2010.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Decreto n. 5.626**, de 19 de dezembro de 2005. Brasília: Congresso Nacional, 2005.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Lei n. 10.436**, de 24 de abril de 2002. Brasília: Congresso Nacional, 2002.

CANDAU, V. M. Diferenças Culturais, Interculturalidade e Educação Direitos Humanos. **Revista Educação e Sociedade**, vol. 33, jan-mar. 2012. PUC-Rio.

DORZIAT, A; ARAÚJO, J. R. de. O Intérprete de Língua de Sinais no Contexto da Educação Inclusiva: o pronunciado e o executado. **Rev. Bras. Ed. Esp., Marília**, v. 18, n. 3, p. 391-410, Jul.-Set., 2012

FREIRE, Evandro Lisboa. **Teoria Interpretativa da Tradução e Teoria dos Modelos dos Esforços na Interpretação**: Proposições Fundamentais e Inter-relações. São Paulo: PUC, 2008

LACERDA, C. B. Tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais: formação e atuação nos espaços educacionais inclusivos. **Cadernos de Educação**. Pelotas, p. 133-153, mai/ago de 2010.

_____. **Intérprete de Libras em atuação na Educação Infantil e no Ensino Fundamental**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

LEDERER, M.; SELESKOVITCH, D. The Interpretation Process. *In: A Systematic Approach to Teaching Interpretation*. Paris: European Communities, 1989, p. 21-26.

LEDERER, M. **Transcoder ou réexprimer**. Paris: Sorbonne, 1984.

_____. **The Role of Cognitive Complements in Interpreting**. *In: BOWEN, David & BOWEN, Margareta (orgs.)*. Interpreting - Yesterday, Today, and Tomorrow. ATA Monograph Series, v. IV. Binghamton: State University of New York, 1990, p. 53-60.

MOREIRA, L. C.; FERNANDES, S. Acesso e permanência de estudantes surdos no Ensino Superior. *In: Seminários de Instituições de Ensino Superior: Trajetória do Estudante Surdo*, 2008, Londrina. **Anais...** Londrina: Ed. UEL, 2008.

MOREIRA, Soliane; DE CARVALHO RUTZ DA SILVA, Sani; MIDORI SHIMAZAKI, Elsa. Ensino de matemática para surdos: Uma abordagem bilíngue. **Educere - Revista da Educação da UNIPAR**, [S. l.], v. 23, n. 4, p. 1601-1621, 2023. DOI: 10.25110/educere.v23i4.2023-004. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/educere/article/view/10773>. Acesso em: 22 jul. 2024.

OUSTINOFF, M. **Tradução: história, teorias e métodos**. (Tradução de Marcos Marcionilo). São Paulo: Parábola, 2011, 143 p.

RUTKOSKI, C. R. de O. **Estudos linguísticos da tradução/interpretação e a formação de TILS**. Guarapuava: Unicentro, 2023.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1969.

SELESCOVITCH, D. Interpreter un Discours n'est pas Traduire une Langue. *In: LEDERER, M.; SELESKOVITCH, D. Interpreter pour Traduire*. Paris: Publications de la Sorbonne, 1984, p. 104-115.

_____, D. **Language and Cognition**. In: GERVER, D. & SINAIKO, H. W. (eds.). *Language and Communication*. New York: Plenum, 1977, p. 333- 341.

SKLIAR, C. **Pedagogia (improvável) da diferença**. E se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. **A localização política da educação bilíngüe para surdos**. In: SKLIAR, C. (Org.). *Atualidade para educação bilíngüe para surdos*. Porto Alegre: Mediação, 1999. p. 7-14. v. 2.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Nagely Rodrigues de Almeida Portela: Conceituação, Redação do manuscrito original.

Soliane Moreira: Redação - revisão e edição.